

A "LIBERTAÇÃO" DE QUEMOY

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

11/9/38.

Abrindo outro dia o jornal li um título que anunciava "a libertação de Quemoy" e não entendi a notícia. Consultando o papa e lendo o jornal, fiquei sabendo que se tratava de uma ofensiva da China Nacionalista, ou da China de Chan Kai-Chek. O termo "libertação" vinha de Pekim e de Moscou, onde, como se vê, significa coisa bem diversa do que nós, aqui no ocidente, designamos com o mesmo vocábulo. A Hungria também terá sido libertada. A Polónia e a pobre Alemanha Oriental, idem. Em russo e em chinês de Pekim, libertar um país ou uma ilha é meter todos os seus habitantes dentro de uma cortina de ferro que lhes dá, pelo que nos ensinou aqui um dos redatores do Izvestzia, a faculdade estranha de sempre estarem de acôrdo com o governo. Lá é que se applicava com toda a propriedade o grito do Ipiranga: liberdade ou morte. Quem levantar alguma accidental objeção contra a libertação dentro das grades, pagará com a vida tamanho desaprêço pela liberdade.

Dias depois, telegramas de Moscou começaram a falar em agressão americana no Oriente. E ainda há quem acredite na possibilidade de um pacto com êsse leviatã! Mas agora vejo nos jornais de hoje uma notícia que, para meu cérebro ocidental, tem algum sentido: Quemoy será defendida pelos americanos. A quem interessar meu ponto de vista, minha personalíssima posição diante dêsse facto que pode ter consequências tremendas, devo confessar que não

nutro nenhuma simpatia especial pela China Nacionalista ou pelo Generalíssimo Tchang-Kai-Chek, mas sinto e declaro abertamente minha simpatia por alguma iniciativa que detenha o expansionismo da China comunista. Minha posição, nesse problema, tem uma simplicidade que parecerá excessiva, sobretudo se a compararem com as explicações e as interpretações dos comentaristas internacionais. Já observei que êsses comentaristas têm todos o mesmo defeito comum: êles são demasiadamente bem informados. Tão bem informados, tão bem entrosados nos detalhes das intrigas, tão bem farrados de factos, que muitos não conseguem ver o que salta aos olhos de um observador distraído e distante. Eles vêem muito bem o jogo dos interesses, vêm dólares e barris de petróleo. Quase sempre o comentarista internacional fuma cachimbo e ostenta o sorriso sagaz do indivíduo que está a par das finuras que escapam à humanidade comum; e sempre são objetivos, imparciais, infensos a qualquer juízo de valor. A idéa que, consciente ou inconscientemente, procuram inculcar é a de que os acontecimentos são principalmente movidos pelas causas materiais. E essa idéa lhes parece tão fina, tão elevada, que dela tiram o gozo que se nota no retrato. Infelizmente para êles e felizmente para o mundo a idéa é falsa. E' claro que existem as causas materiais e que funcionam. Existe o petróleo, e é cobijado. Existe o dólar, que por sinal está por mais de

cento e sessenta cruzeiros, e val a duzentos. Tudo isso existe. Existe também o corpo do homem, os nervos, o sangue, é toda a conspiscência que deriva da carne. Existem casas de negócio, bancos, bolsas, em consequência do mesmo facto, isto é, em consequência de ser o homem uma criatura de carne e osso. Pôsto isso, torno a dizer que é falsa a idéa de ver nessas coisas as causas únicas e principais dos acontecimentos internacionais. As nações se movem pesadamente, um pouco estupidamente, como tudo que é coletivo; mas por mais tarde e espesso que seja o andamento das nações, há sempre um campo de forças espirituais na determinação da tendência geral do movimento. E é êsse o "facto" que frequentemente escapa aos comentaristas, com as inevitáveis e honrosas exceções. Metidos demais no contingente, não vêem as correntes de idéas. Ora, o mundo moderno luta principalmente por uma hegemonia espiritual. O estudante que defende a intocabilidade da Petrobrás, antes de defender a Petrobrás está realmente defendendo uma "idéa", um artigo de credo, um versículo de novo evangelho. Não discuto aqui se é boa ou má essa idéa; digo apenas que é mais idéa do que petróleo. O que é inquietante, no caso, é que os militantes dêsses credos não tenham clara consciência do fenómeno, e não possam admitir que eu também esteja lutando por uma idéa. E tanto não podem, que só sabem explicar a atitude contrária a dêles por algum suborno recebido da Standard Oil.

Colocado o problema nesses termos, volto a Quemoy, e confesso publicamente, com todos os riscos para a minha reputação, que não sou neutro, que não tenho uma fria objetividade diante do fenómeno, como se estivesse assistindo, pelo telescópio, um conflito de povos num sistema planetário de Aldebran, e que todo o meu desejo é que os americanos consigam deter os transbordamentos comunistas vermelhos ou amarelos. Se nessas operações êles estão defendendo ao mesmo tempo alguns interesses comerciais, como no oriente médio dizem que estavam, eu direi que os interesses materiais das firmas americanas, nesse episódio, estão accidentalmente em consonância com os interesses espirituais da humanidade. Os petrolistas daqui não poderão, logicamente, contestar-me o direito de ter essa opinião. Se o petróleo, ou qualquer outra mercadoria, tem tamanho valor salvífico para uma nação, pode ter também o pequeno mérito de condicionar, indiretamente, a felicidade do mundo. O que me parece esquisito, na maneira em que colocam o problema os nossos antiamericanos, é a duplicidade de critérios que regem os juízos. Eles começam por colocar todo o problema humano em termos de bens materiais, e depois se zangam, alegando que os americanos do norte são um povo que coloca todos os valores humanos em termos materiais. Se eu algum dia tivesse a infelicidade de ver somente os valores materiais, e de só nêles crer, e se nessa infelicidade ainda conservasse um resquício de lógica, eu não iria defender nenhuma bandeira, nenhuma causa, a não ser que me convencesse da vantagem material que ela me pudesse trazer. Não entendendo como é que um materialista, mecanicista ou dialético, pode ficar zangado pelo facto da esquadra americana estar em caminho do estreito de Formosa. Qual será o processo, o dinamismo psicológico capaz de explicar essa paixão em que a pele e os nervos não estão diretamente empenhados?

Na verdade, o que está acontecendo no oriente médio, ou na China, é um embate de correntes espirituais. De um lado há um mundo que dá um peculiar sentido à palavra libertação; do outro lado há outro mundo, cheio de defeitos, de negociatas, de ridículas perseguições raciais, de querelas filosóficas, de heresias e crismas, no qual mundo, entretanto, a palavra libertação conserva sua antiquada significação. Eu me apego a essa significação. E é com ela que formulo um desejo de libertação da Hungria, um desejo de libertação da Alemanha oriental, um desejo de libertação da Polónia, e até um desejo de libertação da Rússia e da China. E um sólido desejo de ver o Brasil inteiramente disposto a ajudar o povo americano nessa tremenda tarefa.